



## Dag Solstad

Noruega

Um dos escritores escandinavos mais premiados. Com uma escrita precisa e clara e um imaginário singular, as suas histórias, bem arquitetadas, exigem tempo para a leitura. As personagens são solitários em busca de um sentido para a vida, vida a que, aparentemente, nada falta. "Pudor e Dignidade" (Ahab, 2010) é o seu romance por cá publicado.

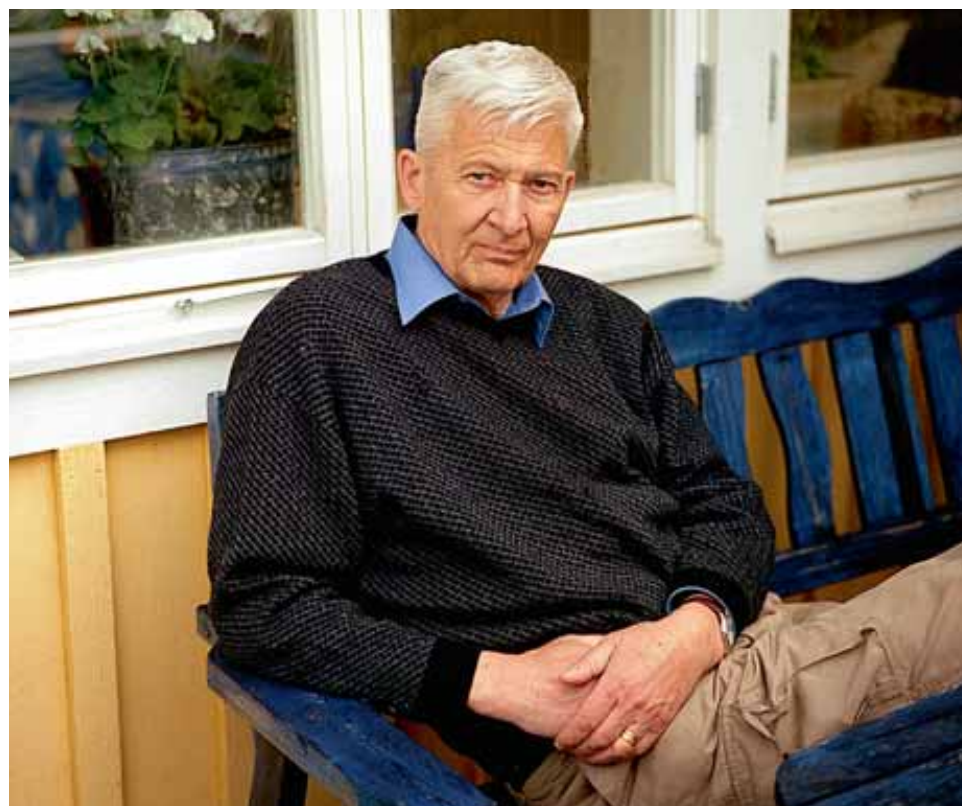
A solidão, a ironia, a sensação de mal-estar por trás da imagem de aparente normalidade: é isto a "literatura nórdica"? Nos últimos dois anos publicaram-se mais autores do que no último meio século. Só a "rentrée" deste Outono trouxe seis. Depois da vaga de romances policiais em que o gelo e a neve estão sempre presentes no local do crime, chegou a outra onda da literatura nórdica.

José Riço Direitinho

## Per Olov Enquist

Suécia

Vem da geração de romancistas que procuravam uma nova forma de expressão literária e que assimilaram as influências do "nouveau roman"; mas, passado pouco tempo, adoptou um estilo próprio, chegado ao do documentário jornalístico, reconstruindo acontecimentos em que a verdade estava muitas vezes inacessível. "A Visita do Médico Real" acaba de ser traduzido pela Ahab.



# A outra onda da literatura nórdica

Quando há meia dúzia de anos a editora Cavalo de Ferro se aventurou a publicar regularmente autores nórdicos, poucos eram, até então, os que tinham sido traduzidos para português desde os anos 50. De entre os autores já considerados clássicos, pouco mais restava do que algumas traduções avulsas - espalhadas a esmo por diferentes editoras - dos livros da sueca Selma Lagerlöf, e devido ao êxito de "A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson". Referimos a década de 50 porque foi nessa época, curiosamente, que a literatura escandinava teve maior divulgação em Portugal, em grande parte graças ao que se ia publicando sobretudo em França. "Na década de 50, os autores nórdicos por cá divulgados passavam por ser uma extensão dos autores franceses. As traduções, feitas na sua maioria a partir do francês, eram, quase sempre - quando as comparamos agora com o original sueco, norueguês, ou outro - de qualidade duvidosa", diz Diogo Madre Deus, editor da Cavalo de Ferro. Mas a moda parece ter passado depressa, pelo menos por cá, e grandes clássicos da literatura europeia, obras que

influenciaram gerações de escritores e de leitores por todo o mundo, ficaram por traduzir. Romances como "Fome", do norueguês Knut Hamsun - reconhecido como "o pai da literatura moderna" e que influenciou as obras de Kafka, Thomas Mann, Herman Hess, entre outros - ou "Gente Independente", do islandês Halldór Laxness - tido por alguns como o "avô inocente do realismo mágico latino-americano", por causa da forte influência em Rulfo e em García Marquez - tiveram ainda que esperar durante muitas décadas para serem traduzidos para português, o que só viria a acontecer há poucos anos. Foi este nicho de mercado - não apenas o da literatura nórdica, mas também o de outras literaturas de línguas periféricas - que a Cavalo de Ferro veio ocupar. "Os editores são animais medrosos, arriscam sempre com muito cuidado os poucos passeios dados fora da jaula", diz Diogo Madre Deus. "O mercado em Portugal deu sempre pouco azo a mártires iconoclastas."

Apesar de alguns autores clássicos - e também contemporâneos, como Lars Saabye Christensen ou Jostein

Gaarder - terem tido várias obras traduzidas ainda antes do "fenómeno Stieg Larsson", foi só depois da chegada da "onda de policiais nórdicos", coincidência ou não, que começou esta espécie de "mini-boom" de literatura escandinava - note-se que só na "rentrée" deste ano foram publicados meia dúzia de livros de autores do Norte da Europa (excluindo os "policiais"): "O Centenário que Fugiu pela Janela e Desapareceu", de Jonas Jonasson (Porto Editora), "Uma Vasta e Deserta Paisagem, de Kjell Askildsen, "A Visita do Médico Real", de Per Olov Enquist (ambos na Ahab), "A Arte de Chorar em Coro", de Erling Jepsen, "Quando Mais Depressa Ando, Mais Pequena Sou", de Kjersti Annesdatter Skomsvold (ambos na Eucleia), e "A Purga", da finlandesa Sofi Oksanen (Alfaguara).

Tiago Szabo, editor da Ahab, e um dos responsáveis pela publicação em Portugal de alguns dos mais importantes nomes das letras nórdicas actuais (Kjell Askildsen, Dag Solstad e Per Olov Enquist), é da opinião que o êxito da trilogia "Millennium" acabou por ser um grande impulso à publicação, e que graças aos seus

efeitos colaterais "os leitores descobriram que a literatura dos países escandinavos não se resume apenas ao género policial, e a verdade é que se têm mostrado mais abertos a conhecer outros escritores, clássicos e contemporâneos, de maior espessura." Mas alguns dos motivos que sempre dificultaram uma maior divulgação das letras nórdicas continuam a existir. O facto de a grande maioria dos editores não ler línguas escandinavas, nem ter um conselheiro editorial de confiança que o faça, obriga a que seja preciso esperar pela tradução para outra língua mais comum, normalmente a inglesa, para poder avaliar a obra. Depois, persiste ainda a dificuldade em encontrar tradutores, pois, como nota o editor da Ahab, é difícil combinar num tradutor uma língua como o português com qualquer uma das faladas nos países nórdicos. "É uma combinação exótica e rara. Isto leva-nos a outro problema: como os tradutores se contam pelos dedos de uma mão, a produção dos livros é vagarosa."

Mas também há editores cuja vantagem é o conhecimento dessas línguas, sobretudo as escandinavas: é o

caso de João Reis, da Eucleia, que dos títulos publicados este ano metade é de nórdicos - dois autores clássicos (o norueguês Alexander Kielland e o sueco Hjalmar Bergman) e dois contemporâneos (o dinamarquês Jepsen e a norueguesa Skomsvold, já nomeados atrás). Curiosamente, os quatro foram traduzidos pelo editor João Reis. Sobre as razões, óbvias, da dominância de autores nórdicos no ainda pequeno catálogo da Eucleia, diz: "Para além de existir um rico filão de autores por explorar, tenho facilidade em os descobrir, pois posso, na maioria dos casos, lê-los na língua original e traduzi-los eu próprio. No futuro, espero aumentar ainda mais a proporção de autores nórdicos no nosso catálogo."

### Tristeza ou melancolia

É correcto falar de "literatura nórdica" como um todo? O que é que a torna diferente das outras literaturas? Entre outras coisas, há quem aponte a tendência para uma aprofundamento lúcido dos problemas do indivíduo (a solidão, vícios como o alcoolismo, ou tão-só a procura de um qualquer sentido para a vida), associada a um



PEDRO LOUREIRO



DAG SOLSTAD

## Erling Jepsen

Dinamarca

É um dos grandes nomes da literatura dinamarquesa, também dramaturgo, é o autor do brilhante "A Arte de Chorar em Coro" (Eucleia, 2011), história terna e cruel em que o amor de uma criança pelo pai pretende encobrir a dureza de uma realidade que já toda a aldeia conhece. Uma crítica feroz à hipocrisia.

## Kjell Askildsen

Noruega

É um mestre na arte de escrever contos. Com um estilo enganadoramente asséptico, de frases concisas, criou um universo dolorosamente eficaz, onde não há lugar para retratos bucólicos. Por perto, há sempre um abismo silencioso e ameaçador. "Um Repentino Pensamento Libertador" (Ahab, 2010) e "Uma Vasta e Deserta Paisagem" (Ahab, 2011) são os seus livros cá traduzidos.

**A escrita nórdica explora a "sensação de mal-estar por trás da imagem de perfeição e aparente normalidade, neste sentido, é uma literatura única, singular", diz Tiago Szabo, da Ahab. "É apegada à realidade, aos problemas do quotidiano e, ao mesmo tempo, muito íntima e melancólica, tendo as relações familiares um grande peso, sobretudo os conflitos latentes que as ensombra"**

estilo feito de frases incisivas, secas e curtas - que segundo o tradutor João Reis, deriva da gramática e da sintaxe das línguas escandinavas -, uma escrita transparente raramente isenta de ironia e que se inscreve numa tradição de narrativa urbana em que a natureza está sempre presente. A escrita nórdica explora a "sensação de mal-estar por trás da imagem de perfeição e aparente normalidade, neste sentido, é uma literatura única, singular", diz Tiago Szabo, da Ahab. "É apegada à realidade, aos problemas da vida quotidiana e, ao mesmo tempo, muito íntima e melancólica, tendo as relações familiares um grande peso, sobretudo os conflitos latentes que as ensombra."

João Reis, da Eucleia, contesta um pouco a opinião de que exista uma "literatura nórdica", com características comuns, produzida nos diferentes países: "A literatura nórdica pode ser tomada como um todo em certos aspectos, mas existem particularidades. Por exemplo, considero a literatura finlandesa bastante diferente da escandinava, tanto por questões culturais, como por questões linguísticas." No entanto, aponta várias ca-

racterísticas comuns, como sejam "a importância da natureza e do clima sobre a vida humana e os sentimentos, um humor típico - bem diferente do português - em que não há censura inconsciente, e que por vezes é bastante negro, e ainda a crítica religiosa, que é quase constante."

Quando em Maio de 2010, em Oslo, o norueguês Kjell Askildsen falou ao Ípsilon (a propósito da publicação em Portugal de "Um Repentino Pensamento Libertador"), indignou-se bastante - aqui há que descontar a parte histriónica que usa para compor a imagem que cultiva, de um solitário e ferido "lobo solitário" - quando lhe perguntámos se achava que a literatura nórdica era triste. E respondeu que não, que de modo algum. Ainda contrapusemos com a tristeza e a desilusão que habita nas personagens que ele cria, ao que, ainda agastado, respondeu: "Mas isso são as minhas personagens...".

Mais tarde, tivemos a possibilidade de falar com o norueguês Dag Solstad e com o dinamarquês Erling Jepsen, que tiveram a mesma opinião. No entanto, autores como Kjersti Annesdatter Skomsvold ou Edvard Hoem

entendem que esse sentimento seja, de facto, o que emerge das narrativas nórdicas, mas ressalvam que não se trata de uma "tristeza apática" (Hoem), antes de uma ambiência (onde as histórias têm lugar) que contribui para que esse sentimento se instale como uma marca na vida das personagens. Quando lemos romances como "Pudor e Dignidade" (Ahab, 2010), de Dag Solstad, ou "A Arte de Chorar em Coro" (Eucleia, 2011), de Erling Jepsen, é difícil não se ficar com a sensação de uma estranha e singular espécie de tristeza. Ou talvez aquilo seja apenas melancolia.

"A felicidade é um obstáculo quase insuperável, não é particularmente fértil como matéria-prima literária, o drama e o conflito oferecem muito mais para dizer. Creio que isto é comum à maior parte dos escritores, e não apenas uma característica dos nórdicos", diz Tiago Szabo, da Ahab. "Assim sendo, não diria que a literatura nórdica seja mais triste. O que poderá ter alguma influência nessa percepção é o facto de se tratar, em termos gerais, de uma escrita seca, com laivos de ironia, por vezes gélida, como se estivesse imbuída do clima

rigoroso desses países." O que de certa maneira corrobora as palavras do escritor Edvard Hoem. Mas o editor da Eucleia, João Reis, discorda, pois não acha que os autores nórdicos tenham uma escrita mais triste. Diz que essa ideia pode vir da importância dada na literatura à natureza, ao clima, e a certos vícios, e "em parte isso também resulta do facto de existir um acesso relativamente limitado à literatura desses países, o que não permite ler uma grande parte do que por lá se publica."

Esta nova "onda" parece ter chegado para ficar, pelo menos durante mais algum tempo, quem o garantem são os três editores com quem falámos, que já têm um número significativo de obras contratadas, ou em vias disso, para 2012. Tiago Szabo resume as razões: "é uma literatura de muita qualidade e pouco explorada, e uma prova disso é o Nobel ter ido este ano para um sueco ainda não publicado em Portugal. Depois, o facto de as traduções serem generosamente subvencionadas, o que permite reduzir os riscos comerciais." O que em tempos negros conta muito.